

O ONOMA E SUA RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE NOS PARÂMETROS CURRICULARES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO PRELIMINAR COM FOCO NA TOPONÍMIA¹

Veronica Ramalho Nunes²
Karylleila dos Santos Andrade³

Resumo: Toponímia é uma disciplina que se dedica ao estudo dos nomes dos lugares (municípios, cidades, vilas, estados). Não se pode pensar a Toponímia desvinculada de outras ciências: “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1990, II). A proposta deste trabalho vincula-se ao estudo da Toponímia aplicada ao ensino, mais particularmente no contexto do ensino da Geografia, considerando a teoria da interdisciplinaridade, que se caracteriza pela colaboração existente entre disciplinas, uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo. A interdisciplinaridade é vista como o ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude frente aos problemas de ensino e pesquisa e aceleração do conhecimento científico.

Palavras-chave: Onoma. Interdisciplinaridade. Toponímia.

¹Este trabalho, recorte do macro projeto: *Toponímia e ensino*: uma proposta de ensino interdisciplinar, coordenado pela professora Dra. Karylleila dos Santos Andrade, é resultado do relatório do PIBIC/CNPq (2011-2012).

²Aluna do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins e bolsista PIBIC/CNPq. veve-thin@gmail.com

³Professora do Curso de Artes e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: karylleila@gmail.com

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 14	n. 23	p. 195 - 210	Dez. 2012. Recebido em: 26 out. 2012. Aprovado em: 03 dez. 2012.
-----------------------------	------------------------	-------	-------	--------------	---

Introdução

Toponímia é uma disciplina que se dedica ao estudo dos nomes dos lugares (municípios, cidades, vilas, estados), e é nor-teada pela função onomástica. Em sua formação, um topônimo recebe influências internas e externas que podem ser únicas ou combinadas (simples, composto, híbrido). Essas influências podem vir das condições geográficas, históricas, culturais, sociais, etimológicas, semânticas, linguísticas ou taxionômicas.

Não se pode pensar a toponímia desvinculada de outras ciências: “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1990, II). Deve ser pensada como um complexo línguo-cultural: um fato do sistema das línguas humanas.

A toponímia, dentro desse alcance pluridisciplinar de seu objeto de estudo, constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas, que ocupam ou ocuparam um determinado espaço. Quando um indivíduo ou comunidade linguística atribui um nome a um acidente humano ou físico, revelam-se aítendências sociais, políticas, religiosas, culturais.

Neste contexto de relações dinâmicas e de cooperação entre as disciplinas do conhecimento, Morin (1990) afirma a necessidade de tomar consciência da complexidade de toda a realidade física, biológica, humana, social, política. De um lado, observa que as ciências humanas não percebem os caracteres físicos e biológicos dos fenômenos humanos e, de outro, que as ciências naturais não percebem sua inscrição numa cultura, numa sociedade, numa história.

A proposta deste trabalho vincula-se ao estudo da toponímia aplicada ao ensino, mais particularmente no contexto do ensino da Geografia, considerando a teoria da interdisciplinaridade, que se caracteriza pela colaboração existente entre disciplinas,

Veronica Ramalho Nunes

Karylleila dos Santos Andrade

196

uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo. A interdisciplinaridade é vista como o ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude frente aos problemas de ensino e pesquisa e aceleração do conhecimento científico. Quando falamos em interdisciplinaridade, estamos de algum modo nos referindo a uma espécie de interação entre as disciplinas ou áreas do saber.

Neste estudo, propõe-se uma inter-relação entre os conhecimentos, articulando-os e interagindo as informações que circulam pelas diferentes áreas do saber. Entende-se que o saber toponímico articula saberes geográficos, históricos, biológicos, antropológicos, além dos saberes linguísticos. Em particular, para este estudo, a Geografia se apropria do estudo da toponímia na tentativa de compreender a nomeação do lugar a partir de uma dimensão ontológica, tendo em vista os aspectos de dominação territorial, o contexto etimológico, o surgimento e a cristalização da identidade e a significação atribuída ao lugar.

Gonçalves (2007) esclarece que, através do batismo dos nomes dos lugares, ou seja, dos topônimos, criaram-se identidades, pertencimentos e territorialidades, que, aos poucos, foram sendo aceitas pelas comunidades. Os nomes de lugares e sua dimensão cultural adquirem uma pluralidade com simbolismos e identidades co-responsáveis pelas expressões dos valores individuais dentro de cada época, onde cada lugar fora sendo nomeado e, ao mesmo tempo, proporcionando um sentimento de pertencimento e domínio territorial.

O nome e o significado dos lugares são essenciais para a cristalização da identidade de um grupo, pois “reforçam fortemente as sugestões de identidade ou de estrutura que podem estar latentes na própria forma física” (LYNCH, 1997, p. 120). Nesse sentido, os topônimos podem traduzir o simbolismo, a história, a memória, a identidade e as peculiaridades naturais de uma dada comunidade, região, país, continente.

Quanto aos procedimentos metodológicos, é uma pesquisa do tipo documental de abordagem qualitativa. Apoiase em leituras dos seguintes documentos oficiais: PCN (1998 e 2002), Diretrizes Curriculares Nacionais (1996) e Orientações Curriculares do Tocantins (2008). Para realizar essa discussão,

utilizaremos como subsídios teórico-metodológicos, no campo da Toponímia, os trabalhos de Dick (1990) e Andrade (2011), e os estudos de Fazenda (2001) e Morin (1990), no campo da interdisciplinaridade.

Para este estudo, propusemo-nos a estudar os seguintes objetivos: identificar o status do termo *onomá*⁸, mais particularmente o que está vinculado ao estudo dos nomes de lugares, nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de Geografia⁹, e analisar o conteúdo *interdisciplinaridade* na perspectiva do estudo toponímico no ensino de Geografia, considerando os PCN do Ensino Fundamental, Diretrizes Curriculares Nacionais e Orientações Curriculares do Estado do Tocantins.

O estudo toponímico no contexto da interdisciplinaridade: considerações iniciais

Iniciaremos a pesquisa em questão sem uma definição fechada de métodos ou percursos investigativos. Ao tentarmos introduzir uma discussão de caráter interdisciplinar dos estudos toponímicos na disciplina de Geografia no ensino fundamental, estamos ensaiando um passo um pouco mais adiante. Esclarecemos que, desde o início, uma discussão com foco na *interdisciplinaridade* sempre esteve pautada como *paradigma investigativo*. Um dos desafios é fechar um conceito para esse paradigma, o qual, em sentido restrito, pode ser caracterizado “pela utilização de elementos ou recursos de duas ou mais disciplinas para a operacionalização de um procedimento investigativo” (SILVA, 2011, p. 597).

Silva (2011) nos chama atenção para o fato de que esse paradigma pode se transformar em elementos acessórios na construção de “objetos complexos de pesquisa e, conseqüentemente, na percepção de que o conhecimento está vinculado aos inúmeros atores do *espaço geográfico* em que está inserido o cidadão, resultando possíveis ganhos para a prática pedagógica” (2011, p. 597). O autor reitera ainda que a construção de objetos de investigação complexos requer bastante familiaridade dos pesquisadores com o espaço de operacionalização da pesquisa. Neste caso, a

assimilação desse conhecimento de forma significativa só acontece pela convivência do espaço de investigação. Reitera, também, que para a realização do objeto de pesquisa é necessário que o conhecimento significativo da dinâmica na instituição de ensino básico se justifica, inclusive, pela caracterização desta investigação como de caráter participante.

Retomando a *noção de espaço*, apresentada por Silva (2011), a mesma deve ser compreendida como sinônimo de território (espaço escolar) neste estudo, ou seja, repensar os conteúdos de Geografia que trabalham os nomes de lugares, sob o olhar da toponímia, dentro das salas de aulas do ensino fundamental da segunda fase. É preciso enfatizar que este espaço demanda uma abordagem pela reflexão, com base no *pensamento científico complexo* que possa construir objetos de investigação de modo mais claro e objetivo possível no ambiente da realidade escolar.

Para Morin (1990), há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades e problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários. O autor ainda acrescenta que a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). O retalhamento das disciplinas (no ensino) torna impossível apreender “o que é tecido junto”, isto é, o complexo, segundo o sentido original do termo.

A opção por uma discussão pautada no *pensamento complexo* é da reflexão de que o conhecimento compartimentalizado, separado, reducionista, próprio da ciência ocidental, pode desencadear a redução do conhecimento do todo em partes que o constituem. Isto no espaço de sala de aula, em particular com a compartimentalização e hiperespecialização das disciplinas, tem demonstrado resultados alarmantes e negativos. Nosso sistema educacional de hoje, baseado no princípio cartesiano, de conhecer parte a parte, fio a fio, desconectado de outros fios, conduz-nos à fragmentação do conhecimento. A simplificação do conhecimento, conhecer parte do saber, leva à redução do complexo ao simples. Impera, nesse caso, o ato de mutilar, fracionar o conhecimento: paradigma da especialização que intenciona conhecer

fio a fio para se chegar à trama do tecido. O que identificamos é que particularmente as ciências humanas se comunicam muito mal: História, Geografia, Sociologia, Linguística, Antropologia são saberes que se convergem e confluem. Aparentemente, esses fios que formam a trama das humanidades não compreendem que a unidade gera/produz a diversidade. É, pois, a complexidade que se reduz ao pensamento simplificador.

Aliada ao pensamento complexo, optaremos por uma *pesquisa de abordagem qualitativa*. Esse tipo de abordagem investigativa e metodológica nasceu com a Antropologia e Sociologia, e nas últimas décadas vem ganhando espaço em áreas como a Psicologia, Educação e outras. Diferente dos estudos quantitativos, que procuram seguir com o rigor da ciência um plano previamente estabelecido, baseado em hipóteses e variáveis, a pesquisa de base qualitativa habitua a ser direcionada, ao longo do seu desenvolvimento. Além disso, conforme pontua Neves (1996, p. 01), ela não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise de dados. Seu foco de interesse é amplo e parte da perspectiva diferenciada da adotada pelos *métodos quantitativos*. Obtenção de dados descritivos, a partir do contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, é característica dessa abordagem. “Nas pesquisas qualitativas é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo uma perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados” (NEVES, 1996, 01).

Por ter um *enfoque indutivo, de caráter descritivo*, a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de técnicas interpretativas que visam a escrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno, ou seja, é preciso definir o campo e a dimensão em que o trabalho irá ser desenvolvido, neste caso, o espaço escolar, o território, a sala de aula. Dentro dessa abordagem, faremos opção pela *pesquisa documental e bibliográfica*. É importante esclarecer que a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica utiliza-se fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto a pesquisa documental utiliza-se

de materiais que não receberam tratamento analítico. As fontes de pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas do que as da pesquisa bibliográfica. Deve ser constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados com o objetivo de uma nova interpretação ou complementar. Neste estudo, a pesquisa documental se concentra nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia do Ensino Fundamental (1998, 2002), nas Diretrizes Curriculares Nacionais (1996) e nas Orientações Curriculares do Estado do Tocantins (2008). A pesquisa bibliográfica tem como base teórica Dick (1990), Andrade (2011), Fazenda (2001) e Morin (1990).

Assim, a metodologia que deverá ser utilizada nesta pesquisa será construída estrategicamente de modo paulatino, considerando o momento inicial dos trabalhos até os resultados finais. De acordo com a abordagem qualitativa adotada aqui, o objeto de estudo é o fator determinante para a escolha do método, e não o contrário.

Voltando ao objeto de estudo, pensa-se na Toponímia como uma área interdisciplinar que se localiza no grande campo dos estudos lexicais, servindo-se do conhecimento oriundo da História, da Geografia, dos estudos culturais, linguísticos e até dialetológicos. A Toponímia articula saberes geográficos, históricos, biológicos, antropológicos, além de saberes linguísticos. Furtado (1996) afirma que a disciplina Toponímia se ocupa, efetivamente, do estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, rios, montes, vales, ou seja, os nomes geográficos, como são compreendidos na Geografia. Os topônimos expressam diretamente relações entre o homem e o espaço geográfico, uma vez que o ato de nomear é essencialmente humano, estabelecendo um vínculo cultural, diretamente ligado à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada.

Resultados e discussão

Os documentos oficiais, nome de lugares e interdisciplinaridade: breves comentários

O estudo da Toponímia pode traduzir o *modus vivendi* de um grupo, um país, ou ainda responder a vários interesses. Na Geografia, a toponímia pode dar informações relevantes sobre vários aspectos: relevo, flora, fauna, etc. Pode ainda auxiliar na delimitação da separação entre duas zonas geográficas (por exemplo, entre a zona dos cocais e a caatinga do sertão brasileiro). É considerada uma fonte de informação para os historiadores (colonização, imigração, história oral, etc.), antropólogos (identidade, relação homem, cultura e meio social), biólogos (nomes de seres que compõem determinado bioma), botânicos (nomes de plantas) e outros pesquisadores. A linguística, particularmente, permite estudar a evolução fonética, a etimologia, os aspectos morfosintáticos e semântico-lexicais.

Nesse contexto, os PCN apontam que um dos objetivos do ensino fundamental é “Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país.” (BRASIL, 1998, p. 07). Sob esse olhar, a inclusão de estudos direcionados à Toponímia na escola pode contribuir para um maior entendimento cultural, histórico, antropológico, linguístico e social.

A questão interdisciplinar, abordada por esses PCN, em particular, apresenta a Geografia por meio de grandes eixos temáticos e temas transversais. Segundo os PCN (2002),

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. (BRASIL, 2002, p. 88-89).

Retomando o conceito de interdisciplinaridade, Fazenda (2001) diz que o homem que se deixa perpetuar numa única abordagem do conhecimento vai adquirindo uma visão corrompida da realidade. Ao viver, encontra uma realidade multifacetada, produto desse mundo, e, evidentemente, mais oportunidades terá para modificá-la, na medida em que não a conhece como um todo, em seus inúmeros aspectos. Portanto, pensar de forma

interdisciplinar possibilita ao homem o alcance de uma postura mais crítica diante dos fatos da realidade, compreendendo-a melhor.

Sendo assim, os PCN de Geografia reiteram esse pensar em utilizar diferentes linguagens, seja verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal, no intuito de que o aluno saiba utilizar diferentes fontes de informações na construção do conhecimento. Esse pensamento agrega a visão da interdisciplinaridade, na qual vincula várias áreas do saber, cujo objetivo é proporcionar um conhecimento amplo e completo.

Atente-se que as Orientações Curriculares do Tocantins (2008) propõem “Pensar a interdisciplinaridade enquanto processo de interligação, de integração recíproca entre várias disciplinas e áreas do conhecimento capaz de romper as estruturas de cada uma delas para alcançar uma visão unitária e comum do saber trabalhando em parceria” (2008, p. 46). Esclarecemos que essa discussão sobre o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” já se encontra na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional desde 1996.

O Onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos parâmetros curriculares do ensino fundamental de Geografia: um estudo preliminar com foco na toponímia

203

Onoma, toponímia e interdisciplinaridade: notas preliminares

Onoma é um termo da Onomástica que significa nome próprio. Neste estudo, o *onoma* deve ser compreendido como o estudo do nome próprio, considerando os nomes de lugares na perspectiva do estudo toponímico. Onomástica faz parte do estudo do léxico, que se subdivide em Toponímia, estudo dos nomes de lugares, e Antroponímia, estudo dos nomes de pessoas.

Com relação ao status do termo *onoma*, mais particularmente o que está vinculado ao estudo dos nomes de lugares, nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de Geografia⁴, podemos considerar na Geografia o estudo dos nomes geográficos, ou nomes de lugares/topônimos, como aquilo que contempla a compreensão de diversos aspectos associados diretamente ao espaço geográfico, tais como ocupação antrópica, elementos naturais da paisagem, identidade territorial, disputas pelo contro-

⁴A ciência Geografia Cultural também tem como objetivo o estudo do nome de lugar, ou seja, o estudo toponímico.

le de áreas, entre outros. Os nomes geográficos refletem o caráter de uma paisagem humanizada, através de uma personificação própria, que a individualiza e a diferencia de qualquer outra área. Passam assim a se constituir em uma linguagem geográfica fundamental que, dizendo muito sobre o terreno, tem uma importância enorme para a Geografia e a Cartografia. (MENEZES e SANTOS, 2006). O nome de um lugar quase sempre é atribuído a alguma característica física ou humana, relacionadas ao simbólico e ao lúdico da população desse lugar, enfim, às peculiaridades desses lugares; relacionam-se às questões étnicas, religiosas ou atributos físicos.

Para Dick,

[...] a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...], vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropológicos, contidos na denominação. (DICK, 1990, p. 24).

Para autora, a estrutura do topônimo pode ser discutida sob alguns aspectos intra e extralinguísticos. Da relação do topônimo com o acidente geográfico se estabelece uma interação íntima que compreende dois elementos básicos: elemento (termo) genérico e elemento (termo) específico. O primeiro é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação; e o segundo, o topônimo propriamente dito, particularizará a noção espacial, identificando-o e singularizando-o dentre outros semelhantes.

Neste contexto, Andrade afirma:

Pode-se pensar que a relação da toponímia, a partir de uma visão interdisciplinar, estabelece o sentido de unidade diante dos diversos saberes. Isto que dizer possibilitar ao sujeito re/encontrar a identidade, história, etimologia do nome na multiplicidade de conhecimentos, tendo em vista o plano onomasiológico no ato de dar nomes aos lugares. (ANDRADE, 2011, p. 162).

É fundamental compreender os topônimos a partir dos diferentes significados, olhares e áreas de atuação, pois, por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente (re)inven-

tam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se valores socioculturais, econômicos, políticos e religiosos.

A nomeação dos espaços é uma “atividade humana inerente ao homem”, como diz Carvalhinhos (2008). O ato da denominação de lugares é, por conseguinte, como qualquer outra atividade humana, passível de investigação científica e sistematização. Os nomes dos lugares não são meros marcos referenciais: eles revelam muito da história sociocultural de determinado grupo.

No estudo da Geografia Cultural, a Toponímia pode ser utilizada para a compreensão dos lugares como dimensões ontológicas, isto é, está associada ao estudo da origem dos nomes de lugares considerando os aspectos da dominação territorial, bem como o surgimento das identidades e significações para dado lugar. Nos dizeres de Andrade,

A Geografia Cultural se apropria do estudo da toponímia na tentativa de compreender a nomeação do lugar a partir de uma dimensão ontológica, tendo em vista os aspectos de dominação territorial, o contexto etimológico, o surgimento e a cristalização da identidade e a significação atribuída ao lugar. Os nomes de lugares e sua dimensão cultural adquirem uma pluralidade com simbolismos e identidades co-responsáveis pelas expressões dos valores individuais dentro de cada época, onde cada lugar fora sendo nomeado e ao mesmo tempo proporcionando um sentimento de pertencimento e domínio territorial. (ANDRADE, 2011, p. 166-167).

Machado (1996), *apud* Andrade (2011), diz que a delimitação e a apreensão de um objeto de estudo no mundo moderno não pode prescindir da rede de relações significativas que o constituem, da teia que tece sua totalidade. Observa que essa multiplicidade de fios de interligações e interações presentes no processo de construção de conhecimentos ultrapassa o campo disciplinar, bem como o das ligações lógicas e linguísticas. Inclui relações de natureza dedutiva, funcionais, causais, mas, também, relações analógicas e interações sincrônicas que não podem ser consideradas no âmbito da causalidade em sentido estrito (2011, p. 160-161).

A abordagem dos topônimos presentes nos PCN é realizada de maneira implícita, pois não trabalha o nome dos lugares

de forma clara e específica. Ou seja, os nomes de lugares não possuem um tratamento e visibilidade capaz de fazer conexões com conteúdos e áreas afins: História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa e outras. De acordo com os PCN de Geografia,

A forma mais usual de trabalhar com a linguagem gráfica na escola é por meio de situações sem que os alunos tenham de colorir mapas, copiá-los, escrever os nomes de rios ou cidades, memorizar as informações neles representadas. Mas esse tratamento não garante que eles construam os conhecimentos necessários, tanto para ler mapas como para representar o espaço geográfico. (BRASIL, 1998, p. 33).

As Orientações Curriculares do Tocantins (2008, p 163), no que diz respeito às competências e habilidades, esclarece, de forma explícita, indicativos que poderiam ser trabalhados os nomes de lugares numa perspectiva interdisciplinar:

- Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa na Geografia para compreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições;

- Fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informações, de modo a interpretar, analisar e relacionar informes sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens.

Identificou-se no estudo dos PCN de Geografia (1998) que o *Onoma* está ligado aos aspectos geomorfológicos, à questão da identidade, história, cultura. Considera-se como próximo passo compreender as motivações que levaram à nomeação e às origens da denominação escolhida, como uma das formas de evidenciar a história de ocupação, os aspectos econômicos, culturais e sociais de determinada área. Segundo os PCN (1998, p. 112), mais do que aprender a batizar fenômenos geográficos, o essencial é que os alunos percebam que existe uma diversidade cultural, social e histórica riquíssima em nosso país, além de um clima, vegetação e relevo, e que tudo isto deve ser valorizado dentro de cada especificidade regional. Cada elemento deve ser observado, descrito, relacionado, comparado, questionado e interpretado considerando os diversos aspectos geográficos das paisagens e do

território do país.

Considerações Finais

O estudo da Toponímia, vinculada ao ensino, proporciona uma visão pluridisciplinar que a Toponímia pode alcançar e evidencia sua importância nas pesquisas voltadas para esta temática. A Toponímia constitui-se de conhecimentos oriundos da História, da Geografia, dos estudos culturais, linguísticos e até dialetológicos. Ocupa-se de um recorte específico do léxico de uma língua, a saber, os nomes próprios dados a lugares chamados “topônimos”.

Foi possível realizar uma relação entre os estudos da Toponímia e a interdisciplinaridade dentro dos PCN de Geografia, de como é trabalhado o termo *Onoma* nestes documentos oficiais. Constatou-se, a partir do levantamento dos documentos oficiais, que os mesmos apenas sugerem o estudo dos nomes de lugares, fazendo uma abordagem implícita dos topônimos.

O Onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos parâmetros curriculares do ensino fundamental de Geografia: um estudo preliminar com foco na toponímia

207

THE ONOMA AND ITS RELATION TO THE INTERDISCIPLINARITY PARAMETERS OF ELEMENTARY EDUCATION CURRICULUM OF GEOGRAPHY: A PRELIMINARY STUDY FOCUSED ON TOPONYMY

Abstract: Toponymy is a discipline devoted to the study of place names (cities, towns, villages, states). You can't think the toponymy detached from other sciences, "is a discipline that turns to the history, geography, linguistics, anthropology, social psychology and even to zoology, botany, archeology, according with the intellectual training of the researcher "(DICK, 1992, II). The purpose of this work is linked to the study of place names applied to education, particularly in the context of the teaching of Geography, considering the theory of interdisciplinarity, whi-

ch is characterized by collaboration between disciplines, a strong reciprocity in trade, seeking mutual enrichment. Interdisciplinarity is seen as the meeting point between the renewal movement of the attitude to the problems of teaching and research and accelerate scientific knowledge.

Keywords: Onoma. Interdisciplinarity. Toponymy. PCN Geography. Elementary Education.

Veronica Ramalho Nunes

Karylleila dos Santos Andrade

208

Referências

ANDRADE, K. S. Toponímia e ensino: uma interface interdisciplinar. In: PINHO, M. J.; ANDRADE, K. S.; RAMOS, D. V. *Ensino de língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares*. Goiânia: PUC, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 156p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 3 maio 2011.

_____. *PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 4 de janeiro de 2011.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *Anais do I SIMELP*, São Paulo: USP; UNIC-SUL, 2008.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2001.

FURTADO, Sebastião da Silva. *A Toponímia e a Cartografia. Ministério da Guerra – Diretoria do Serviço Geográfico*. Rio de Janeiro: 1996.

GONÇALVES, Teresinha Maria. *Cidade e Poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. (Educação em Ciência).

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, N. *Epistemologia e Didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. São Paulo: Cortez, 1996.

MENEZES, Paulo Márcio Leal de; SANTOS, Cláudio João Barreto dos. Geonímia do Brasil: Pesquisa, Reflexões e Aspectos Relevantes. *Revista Brasileira de Cartografia*, n. 58, 2. sem. 2006.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, . p. 1-5, 2. sem. 1996.

SILVA, Wagner Rodrigues. Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. *Cadernos de pesquisa*, v. 41, n. 143, p. 582-605, maio/ago. 2011.

TOCANTINS. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. *Re-*

O Onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos parâmetros curriculares do ensino fundamental de Geografia: um estudo preliminar com foco na toponímia

209

ferencial Curricular do Ensino Fundamental das escolas públicas do Estado do Tocantins: Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. 2. ed. Secretaria de Estado da Educação e Cultura, TO: 2008.

Veronica Ramalho Nunes

Karylleila dos Santos Andrade

210